

Educação Financeira na Escola Zilda da Frota Uchoa¹

Sebastião Rodrigues Pego²
Josilene Maria Alves da Silva Pego³
Lucinara⁴

Resumo

A Educação Financeira nas escolas se apresenta como uma estratégia fundamental para ajudar as pessoas a enfrentar seus desafios cotidianos e a realizar seus sonhos individuais e coletivos. Discentes e docentes financeiramente educados são mais autônomos em relação às suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só a própria qualidade de vida como a de outras pessoas. A Educação Financeira tem um papel fundamental ao desenvolver competências que permitem consumir, poupar e investir de forma responsável e consciente, propiciando uma base mais segura para o desenvolvimento do país. Tal desenvolvimento retorna para as pessoas sob a forma de serviços mais eficientes e eficazes por parte do Estado, numa relação saudável das partes com o todo. Nesse trabalho, apresentaremos experiências simples empreendidas junto aos alunos do ensino fundamental da Escola de Ensino Fundamental e Médio Zilda da Frota Uchoa no período de 2008 a 2013. Os frutos desse trabalho estão no mercado de trabalho e no exercício da cidadania de cada aluno ou ex-aluno. Ao longo desse ensaio serão apresentadas facetas que contribuem, diferenciam-se entre si e, a seu modo, contribuem para o crescimento intelectual e/ou cívico do aluno como cidadão. Ademais, as concepções apresentadas e avigoradas por teóricos abona a importância de continuarmos com esse trabalho e quiçá conquistarmos a confiança dos demais profissionais da educação para um projeto mais amplo e multidisciplinar.

Palavras-chave: educação financeira, pacto pela educação e educação empreendedora.

1. Introdução

¹ Trabalho apresentado à conclusão do Pacto Nacional pela Educação no Ensino médio – Grupo de estudos da EEEFM Zilda da Frota Uchoa – Tutora: Cleusa Maria Prates.

² Professor Licenciado em Pedagogia com Habilitação em Supervisão Escolar pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Bacharel em Ciências Contábeis pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Pós-Graduado Lato Sensu em Gestão Escolar pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Técnico em Projetos de Economia Popular pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Pós-Graduado em Coordenação Pedagógica Lato Sensu pela Universidade Federal de Brasília – UnB.

³ Professora Licenciada em História da Geral da Humanidade pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana; Pós-Graduada Lato Sensu em Ciências Humanas com Ênfase em Geografia, História e Sustentabilidade pela Faculdade da Amazônia – IESA.

⁴ Licenciada em Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Esse trabalho tem a finalidade de apresentar resultados exitosos a partir de atitudes simples que deu certo em sala de aula com alunos do ensino fundamental. No início foi somente uma experiência com alguns alunos onde resolvemos a levantar dados relativos aos gastos que são feitos rotineiramente como as contas de água, luz, telefone e observar o aumento que teve de um mês para outro. O objetivo era calcular os custos da inflação no bolso do consumidor.

Foi assim que surgiu a ideia de pegar panfletos (jornais de ofertas) de mercados como o Pato Branco, Móveis Gazin, Cyte Lar e simular uma compra com base em preços reais praticados pelas lojas de Vilena. Mais adiante tivemos a ideia de calcular o aumento que tivera essas mercadorias a cada oferta divulgada. Assim, além de aprendermos a calcular a matemática aplicada no comércio, estávamos também trabalhando o senso crítico do aluno sobre como nos educar para o gasto do nosso dinheiro e objetivamente a valorização de nosso trabalho. Muitos dos nossos alunos já trabalhavam no comércio e já sabiam quanto custavam trabalhar um mês inteiro e no final do mês quando recebiam seu soldo não valer para quase nada.

Foi a partir do levantamento de situações-problema do cotidiano dos alunos e de realidades sociais de nossa cidade que elaboramos um pequeno currículo com base na experiência de vida de cada um. Esse levantamento curricular teve aproveitamento nas aulas de matemática, mas poderia ter entrelaçado de forma interdisciplinar ou multidisciplinar com as demais disciplinas do currículo do aluno uma vez que a educação financeira perpassa por todas as matérias.

Os temas trabalhados faziam parte da transversalidade dos conteúdos da grade curricular dos alunos. No entanto, quando o eixo temático versava similar ou paralelamente, estaríamos aproveitando do mesmo conteúdo para avaliar o desempenho do aluno de forma quantitativa e qualitativa. Todos os alunos precisam saber tabuada, por exemplo, esse conteúdo vem de encontro com os objetivos curriculares de aquisição de competências pertinentes ao eixo das operações matemáticas dos números inteiros naturais. Outro exemplo são as operações de partidas dobradas na demonstração do plano de contas onde débitos e créditos se apresentam de forma bastante simples: o que compramos e ficamos devendo são débitos e o dinheiro que conseguimos com o nosso trabalho

é um crédito. Essa é uma forma bastante rudimentar de apresentar aos alunos um plano de contas de um sistema contábil de partidas dobradas. É isso que aparece no extrato bancário. Mesmo aquele aluno que seus pais não têm conta bancária, certamente tem prestações a vencer ou contas de água e luz para pagar. E no final do mês todo mundo tem salário a receber. Isso forma uma partida dobrada onde os débitos são as dívidas e os créditos são aquilo que gera dinheiro. Esse tema é trabalhado no eixo dos números inteiros relativos.

Foram citados aqui somente alguns exemplos bastante simples e objetivos para mostrar a praticidade da matemática financeira na vida escolar e no cotidiano dos alunos. Esse tema é amplo e pode ser trabalhado com operações das mais simples as mais complexas de forma simplificada. Através de uma lista de compras, por exemplo, os alunos conheciam elementos para trabalhar números inteiros relativos, expressões numéricas, expressões algébricas, sistemas de equações, funções polinomiais e problemas dos mais diversos.

2. O que é Educação Financeira?

Segundo a OCDE⁵ (2005), educação financeira é “o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro”.

3. Educação Financeira X Matemática Financeira;

Entende-se por Matemática Financeira como sendo um corpo de conhecimento que estuda a variação do dinheiro ao longo do tempo. Baseia-se em técnicas

⁵ A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma organização internacional de 34 países que aceitam os princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado, que procura fornecer uma plataforma para comparar políticas econômicas, solucionar problemas comuns e coordenar políticas domésticas e internacionais. A maioria dos membros da OCDE é composta por economias com um elevado PIB per capita e Índice de Desenvolvimento Humano e são considerados países desenvolvidos.

matemáticas para resolver problemas de fluxo de caixa e de equivalência de capitais, tanto em regime de juros simples como de juros capitalizados, isto é, preocupa-se em criar modelos que permitem avaliar e comparar o valor do dinheiro em diversos pontos do tempo. Para isso, é estabelecido um conjunto de fórmulas, exigindo uma definição precisa de vários termos como: capital, juros, montante, valor presente, valor futuro, valor nominal, fluxo de caixa, sistema de amortização etc. Podemos citar os empresários, contadores e administradores como profissionais que trabalham diretamente com a Matemática Financeira.

Já a educação financeira está mais relacionada a boas maneiras de consumo, à conscientização de que não se deve gastar mais do que se tem, de manter-se longe das dívidas, de valorizar seu próprio dinheiro fazendo pesquisas de preços, comparando valores, marcas, quantidades e qualidade. Nesse sentido, a educação para o consumo, ou educação financeira, está associada à ideia de saber esperar mesmo tendo dinheiro.

Segundo o Prof. Dr. Romulo Campos Lins, “sinal de uma maturidade, entendida como a capacidade de suportar frustrações”. Assim, esse tipo de educação, de cunho mais geral, com raízes principalmente no seio familiar, tem mais a ver com uma formação cultural. Portanto, entendida dessa forma, quando falamos nesse tipo de educação, referimo-nos a algo próximo da tentativa de “educar o desejo”, entendida como intenção de se educar o sentimento, a capacidade de operar, a maturidade, o que não tem nada a ver com a Educação Matemática.

A matemática financeira é uma área da matemática que se dedica a problemas de ordem financeira enquanto a Educação Financeira é uma prática social, de modo que possa estar enraizada em um espírito de crítica e em um projeto de possibilidades que proporcionem aos indivíduos-consumidores participarem, ativamente, no entendimento e na transformação dos contextos que estão inseridos.

A Matemática Financeira é uma ferramenta útil na análise de algumas alternativas de investimentos ou financiamentos de bens de consumo. A educação financeira é uma forma de resolver problemas de ordem financeira, entretanto, esses problemas podem ser exemplificados como juros, inflação, investimentos e outras

questões que estão presentes no dia a dia de todos. Tanto empresários, banqueiros e profissionais da contabilidade como qualquer cidadão consumidor.

4. Educação Financeira X Empreendedorismo;

“Empreendedorismo são habilidades para ideação, construção, gerenciamento e desenvolvimento de projetos e negócios, tanto no ambiente social como empresarial”. (Silane Guedes Silva, analista do Sebrae-RO)

Ainda segundo Luiz Barreto⁶, o que contribuiu muito para essa força econômica dos jovens empreendedores foi também a mudança de comportamento. “Há 10, 20 e 30 anos, o sonho do jovem era estudar para garantir um bom emprego ou no serviço público ou em uma grande empresa, com estabilidade”. Hoje, não. Temos pesquisado que 50% dos jovens que possuem entre 18 a 24 anos aspiram um dia a se tornarem empreendedores.

A importância da educação financeira para quem tem pensamento empreendedor é na perspectiva de saber lidar com as ansiedades pela busca de bens de consumo e de compreender a valoração dos mesmos. Quem não educa sua postura social ante ao desejo de consumo, não está preparado para empreender um negócio lucrativo. Numa sociedade consumista como a nossa, só sabe lidar com dinheiro quem tem uma boa educação financeira.

5. Pressupostos teóricos – O que pensam os educadores?

Segundo Cássia D’Aquino, os pais devem conduzir a educação de seus filhos, inclusive mostrando para eles como se deve lidar com o dinheiro. Ela é das educadoras brasileiras que mais se preocupa com a educação financeira das famílias. Em suas obras ela mostra aos pais como devem conduzir o assunto em casa, levando em conta o perfil que gostariam que predominasse na relação da criança com o dinheiro no futuro: empreendedor, poupador ou investidor de alto risco. Se desde cedo seu filho entender a diferença entre querer e precisar, ou o valor das coisas, terá todas as ferramentas para, na vida adulta, estabelecer uma

⁶ Luiz Barreto. Como elaborar um plano de negócio, desenvolvido pelo Sebrae em 2013.

relação equilibrada com seus próprios recursos. Mas ela enfatiza que não é nada fácil para os pais se colocarem na posição de modelo em nenhum aspecto, principalmente quando o assunto é finanças. Segundo ela,

“Quando crianças, os filhos costumam ver seus pais como um modelo a ser seguido. Agora pense: como convencer seu filho de que ele não precisa do último modelo de videogame se você mesmo não abre mão de comprar o celular de última geração? Educar um filho, inclusive financeiramente, é das tarefas mais difíceis e exige cuidado”. (D’Aquino, 2010).

6. Preocupações com relação à mídia

Muitas famílias se preocupam com seus filhos quando o assunto é mídia eletrônica. Atualmente, até os canais de TV aberta trazem muito conteúdo não adequados à galerinha que está antenada muito nas informações muito mais que seus pais. São as crianças as que mais têm tempo disponível para esmiuçar as informações e vislumbrar as tentações que estão na mídia eletrônica. A facilidade de acesso as informações foi muito facilitada com a entrada da TV de LED bem antenada, dos computadores conectados a internet e para facilitar mais ainda os celulares *smartfone* ligados no *watsupp* e nas redes sociais quase que graciosamente. Entretanto essas famílias ainda não veem que o maior perigo atualmente não está centrado apenas nos materiais pornográficos e sim nas propagandas direcionadas a esse público que domina a economia do mundo através do tratamento medíocre de muitas famílias. Segundo D’Aquino 2010:

“De uns anos para cá, apercebendo-se da mudança de direção na via do conhecimento tecnológico, a publicidade deu de abusar do estereótipo de criancinhas geniais comandando pais completamente idiotizados. Há uma infinidade de campanhas que apresentam a criança como sumidade da família, insinuando que, sendo tão mais “inteligente” que os pais, é a ela que deve caber decidir os rumos do consumo familiar”.

É claro que a família forma um conjunto e cabe a esse conjunto decidir sobre que deve e o que não deve ser comprado com o dinheirinho sagrado que entra em casa. Não há dúvida que convidar os filhos a acompanharem o processo de decisão envolvido na aquisição de um veículo, por exemplo, pode ser muito educativo. Além de reafirmar os laços familiares, a compra de um novo carro quase sempre é fruto de conquista longamente planejada; serve para ensinar aos filhotes um bocado sobre finanças. Quais serão as condições de pagamento? Quais as vantagens e desvantagens de cada modelo analisado? Quais serão as implicações financeiras posteriores à aquisição (juros de financiamento; custo do seguro; manutenção; IPVA)? Qual a margem de depreciação numa eventual revenda? São ponderações importantes que, traduzidas para as possibilidades de compreensão dos filhos, devem ser percebidas como etapas de um processo racional de tomada de decisão. Isso não significa que os pais devem relegar aos filhos a responsabilidade pelos bens comprados e pelos gastos que são feitos. Construção da autonomia não tem nada a ver com o abandono da responsabilidade dos pais. Mas, sem sombra de dúvidas, a participação dos filhos desde o planejamento até a execução de um projeto de vida familiar é de suma importância.

7. No cotidiano da escola

É visível a percepção de que os alunos gostam muito de aulas que os tiram da rotina, descolando seu corpo inerte de uma carteira escolar enfadonha e desmotivadora. Quando vamos para a prática pedagógica, temos que sair de nosso banco para desenvolver atividades na prática, ir à busca de materiais que coadunam com nossas metas de estudos. Tudo isso faz com que os nossos alunos se tornem ator principal de uma aprendizagem concreta. Quando ele sente que os conceitos básicos das disciplinas são construídos por eles mesmos e que na prática do dia a dia ele vai precisar disso para buscar o seu primeiro emprego ou montar o seu próprio negócio ou até mesmo poder ajudar sua família a planejar melhor sua economia doméstica, tudo fica mais claro.

8. Educação Financeira e a interdisciplinaridade;

O Dicionário Houaiss diz que “interdisciplinaridade” tem a ver com a “propriedade de interdisciplinar”, ou seja, “que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou ramos do conhecimento, que é comum a duas ou mais disciplinas”.

Vimos, portanto, que educação financeira não é o mesmo que Matemática financeira, muito embora um corrobore com outro, não é preciso saber matemática aplicada às finanças para se educar financeiramente. Sabendo disso, podemos entender que educação financeira extrapola todas as disciplinas, uma vez que é mais uma questão de postura crítica e de consciência de consumo do que o envolvimento direto com a matemática pura e aplicada aos cálculos financeiros.

Se o grande objetivo da interdisciplinaridade é procurar aproveitar os conhecimentos que o aluno já traz consigo e usá-los como ponto de partida para construir novos conhecimentos sobre os que ele já domina bem, a familiaridade com os desejos de consumo trazidos pelo aluno de suas relações familiares torna um currículo extenso e ocioso a ser trabalhado por qualquer professor de qualquer disciplina. E é desde a alfabetização e letramento que pode ser trabalhada a educação financeira. Com certeza esse é um tema que diz respeito a todos e que se entrelaça em todas as disciplinas e é do conhecimento e interesse de todos.

9. O que vem sendo feito em nossa escola?

No ensino fundamental, já foi desenvolvido um pequeno trabalho no âmbito de algumas salas de aula sobre Matemática Financeira e sua aplicabilidade no cotidiano dos alunos. Foram trabalhados conteúdos voltados para a economia doméstica, tais como calcular uma lista de compras, descobrir o que é um desconto e como ele reflete na vida dos consumidores, calcular a alta de um produto e descobrir o conceito de inflação e sua influencia na vida dos consumidores, fazer um plano de contas para aprender os conceitos básicos de entrada e saída, trabalhar na prática com os termos débito e crédito e o uso dos números positivos e negativos, aprender os conceitos de renda fixa e renda

varável na prática do dia a dia, entender quando os gastos são custos e quando são investimentos.

10. Os desafios a serem enfrentados

O principal desafio é trabalhar de forma interdisciplinar. Até agora, algumas ações vieram sendo feitas de forma isoladas. A partir de agora, com a contribuição dos encontros do Pacto Nacional pela Educação no Ensino Médio será possível elevar nossos ânimos na condução de projetos interdisciplinares. Embora a Escola Zilda seja referência em projetos no âmbito do meio ambiente, ainda falta deslanchar alguns projetos que temos no campo da ciência e da tecnologia. Um deles é este projeto de Educação Financeira que abrange todas as disciplinas e transpõe os muros da escola.

11. Ementa:

A decisão de se criar um ementário para uma matéria que congrega disciplinas de todas as grandes áreas não será tão fácil. Para isso a coordenação pedagógica deve reunir todos os professores e propor a criação da matéria afim de educação financeira com ementário distribuído nas quatro áreas do conhecimento do ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; e ciências da natureza e suas tecnologias. A proposta é que seja criada uma sala ambiente adequada às atividades curriculares da matéria. Devem-se criar também os seguintes núcleos: Núcleo de Matemática Financeira, direcionado aos professores da área de Matemática e suas Tecnologias; Núcleo de Empreendedorismo, direcionado as áreas de linguagens, códigos e suas tecnologias; Núcleo de Suporte Tecnológico de Educação Financeira, direcionado a Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Os ambientes de suporte devem contemplar um Shopping Escolar, um Banco Escolar e um Ambiente Virtual na internet e whatsapp dos alunos.

12. Considerações finais

No decorrer desse artigo foram abordadas características importantes que demonstram a relevância do tema. Com base na opinião de alguns profissionais da educação, esse trabalho incorporou uma dimensão educativa de aprendizagem inter e extraescolar. No âmbito da escola há que se agregarem na grade conteúdos do projeto político pedagógico atividades relacionadas à educação financeira envolvendo situações práticas transdisciplinar. No âmbito extraescolar, devem-se incorporar atividades que valoriza a cultura e transtorna aos alunos como utilidade domestica, no convívio familiar, atividade profissional e no exercício social da cidadania.

O grande desafio daqui para frente é a criação de uma sala ambiente onde podem ser trabalhadas as atividades relacionadas tanto a matemática financeira, como o empreendedorismo bem como as atividades afins da ementa de educação financeira. Haja vista que há uma premente necessidade da criação de um ambiente favorável, para tanto deverá ser criados os núcleos de sustentação, o ementário e a implementação dos ambientes escolar e virtual.

13. Referências Bibliográficas

1. **ARRAIS**, Fellipe Neri de Oliveira. A Contribuição da Matemática Financeira no Ensino Médio: O despertar do aprendente para a economia doméstica. Mossoró/RN. 2013.
2. **BRASIL**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Acessado em: http://portal.inep.gov.br/estatisticas-gastoseducacao-indicadores_financ_internacionais-ocde.
3. **CONSUMO SUSTENTÁVEL**. Caderno de Investigações Científicas. Volume III. Acessado em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/pagina-23-no-brasil.html>
4. **D'AQUINO**, Cássia. Educação Financeira. As armadilhas da publicidade. Acessado em: <http://educacaofinanceira.com.br/index.php/familias/conteudo/671>.
5. **Dicionário Matemático**. Só Matemática. Acessado em: <http://www.somatematica.com.br/dicionarioMatematico/>.

6. **Grande Dicionário HOUAISS BETA de Língua Portuguesa.** Acessado em: <http://houaiss.uol.com.br/>
7. **OECD.** Better Policies for Better lives. Acessado em: <http://www.oecd.org>.
8. **SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas. Acessado em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/tipoconteudo/empreendedorismo?codTema=2>